

FH reage: denúncias são uma farsa

Irritado, presidente afirma estar indignado e defende prisão para quem forjou documentos

Marcelo Sayão

Carter Anderson

O presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, demonstrou ontem toda a sua irritação e contrariedade com a divulgação de documentos forjados (sem autenticidade comprovada), que insinuam a existência de uma empresa nas Bahamas da qual ele seria um dos sócios. Antes de fazer uma palestra na Escola Naval, no Rio, o presidente quebrou o protocolo e se dirigiu aos jornalistas para fazer um desabafo de três minutos, o seu primeiro pronunciamento público desde a divulgação da tentativa de chantagem contra o Governo. O presidente disse estar indignado e triste com o que chamou de farsa, feita por pessoas que deveriam estar presas. Sem citar nomes, Fernando Henrique atribuiu a divulgação dos documentos a pessoas que, segundo ele, não têm credibilidade e estavam no ostracismo.

— Como brasileiro, como presidente da República, sinto indignação e tristeza. Indignação pelo fato de uma montagem reles, mal feita, feita por farsantes, por falsários. Alguns estão reaparecendo. Pessoas que o Brasil custou a expulsar da vida pública. Voltam às páginas do jornal, sem acusar concretamente ninguém. — afirmou o presidente — Então realmente acho que é preciso expressar ao país a indignação que eu sinto por ver mais uma vez pessoas sem credibilidade voltarem à cena pública com insinuações.

“Não ousem perguntar sobre o que não deve ser respondido”, diz FH

Em tom indignado, o presidente disse que trabalha há 50 anos e que não permitiria perguntas que pusessem em dúvida sua honestidade. Ele afirmou que falava não só em seu nome, mas também nos nomes do governador de São Paulo, Mário Covas, do ministro da Saúde, José Serra, e em memória do ex-ministro das Comunicações Sérgio Motta, morto em abril. De acordo com as denúncias, sem provas, eles seriam sócios do presidente na empresa CH, J & T Inc. As insinuações, segundo o presidente, são um desrespeito ao país, num momento em que o Brasil luta para se afirmar internacionalmente:

— O patrimônio moral vale mais do que tudo. E o patrimônio moral de um presidente é indispensável para o país. No momento em que passo dias e noite defendendo a nossa moeda, defendendo o Brasil, vejo notinhas no exterior levantando suspeitas sobre o que não pode ser suspeito: a honorabilidade do presidente da República. Me dá tristeza ver que não haja um repúdio nacional contra esta falta de respeito à instituição da Presidência e quando se dá outra vez espaço para quem devia estar na cadeia por ter feito coisas falsas.

Ao enfatizar que as cartas não merecem credibilidade, o presidente citou a reportagem publicada nos jornais, na qual o especialista em análise de documentos Celso Ribeiro Del Picchia afirma que as cartas usadas na chantagem têm claras evidências de falsificação:



FH NO ENCONTRO de ontem no Palácio Laranjeiras: denúncias partem de farsantes que já foram expulsos da vida pública do país

— Hoje, nas páginas de um dos jornais do Brasil está lá, claramente uma mistificação, uma falsificação grosseira — disse o presidente, para em seguida encerrar o seu desabafo:

— Então peço aos senhores que não ousem perguntar sobre o que não deve ser pensado e muito menos respondido por alguém que tem dignidade, tem decência, como eu.

O presidente chegou às 10h40m na Escola Naval, onde foi recebido pelo ministro da Marinha, Mauro César Rodrigues Pereira, e pelo comandante da escola, contra-almirante Carlos Pierantoni Gambôa. Depois de receber as saudações oficiais e ouvir o Hino Nacional, o presidente subiu as escadarias, rumo ao auditório, onde deveria fazer uma palestra para cerca de 700 alunos e es-

tagiários, oficiais militares em sua maioria, dos cursos das escolas de Guerra Naval, da Aeronáutica e da Escola Superior de Guerra. No auditório, também o aguardavam os ministros do Exército, Zenildo Lucena, da Aeronáutica, Lélío Lobo, e o chefe da Casa Militar, general Alberto Cardoso. Antes de entrar no auditório, porém, o presidente atendeu ao chamado dos jornalistas, que lhe per-

guntaram o que achava das investigações sobre os documentos:

— Vou falar só sobre isso — afirmou o presidente, para em seguida iniciar o seu desabafo, sem permitir outras perguntas.

No auditório, o presidente discursou por cerca de uma hora, mas só os primeiros cinco minutos foram abertos aos jornalistas. Ele iniciou sua palestra com críticas aos adversários do Real e lembrou que o país entra no quinto ano de estabilidade econômica:

— As carpideiras e as cassandras ameçam de morte o Plano Real a cada seis meses — afirmou o presidente, acrescentando que o fim do plano seria um golpe fatal no povo brasileiro.

Em seguida, o presidente disse ser indiscutível que a democracia se fortaleceu no país e citou como exemplo as últimas eleições:

— Oitenta e cinco milhões de pessoas votaram tranqüilamente. Todas votaram em quem bem entenderam, dentro de um clima de irrestrita liberdade.

Após desabafo, FH se despede demonstrando bom humor

O presidente afirmou ainda que a estabilização econômica tem que ser acompanhada de uma redução das desigualdades sociais e acrescentou que esse é um dos objetivos do seu Governo. Depois, ressaltou o papel do Brasil no cenário internacional e citou a participação decisiva do país no acordo de paz entre o Peru e o Equador.

Na saída, às 12h30m, o presidente já aparentava tranqüilidade e bom humor. Despediu-se dos anfitriões e, ao passar pelos jornalistas, que lhe pediram outra entrevista, respondeu sorrindo:

— Por hoje, chega.

À tarde, ao reunir-se no Palácio Laranjeiras com um grupo de 30 pessoas, incluindo cineastas, sociólogos, economistas, professores, advogados, empresários e até um rabino, o presidente disse que o país está vivendo um clima de muito pessimismo, segundo um dos convidados, o presidente da Associação do Comércio Exterior do Brasil, Marcos Vinícius Pratini de Moraes.

— O presidente disse que não é hora disso. O Brasil é uma grande nação e vamos superar isso sem uma recessão profunda — disse Pratini de Moraes.

Ainda de acordo com Pratini de Moraes, o presidente demonstrou estar otimista com o acordo fechado ontem com o Fundo Monetário Internacional. Segundo ele, o presidente não fixou prazo, mas reconheceu que a redução dos juros é fundamental para o crescimento da economia e para a geração de empregos. O presidente seguiu depois para o Palácio Guanabara, onde reuniu-se com o governador Marcello Alencar, com 40 prefeitos e integrantes das bancadas tucanas na Câmara dos Deputados e na Assembléia Legislativa. ■

COLABOROU Selma Schmidt

• ALIADOS ACONSELHARAM FH A FAZER DESABAFO Na página 4